Anagramas Revista beta

Informar e (In)comunicar[1]

Túlio Souza de Vasconcelos[2]

WOLTON, Dominique. *Informar não é Comunicar*.
Porto Alegre: Sulina, 2010.

Resumo

A presente resenha versa sobre o livro *Informar não é comunicar*, do francês Dominique Wolton. O autor apresenta uma diferença essencial entre as duas práticas: a informação pode ser entendida como a mensagem e a comunicação é algo mais complexo, pressupondo a relação entre indivíduos. Mas comunicação e informação andam juntas e não há como separá-las. Para tanto, destacamos e analisamos trechos importantes da obra que pontuam aspectos do exercício do jornalismo contemporâneo.

Palauras-chaue: *Jornalismo; Informar; Comunicar; Ética.*

Em seu livro "Informar não é Comunicar", o pesquisador do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS), Dominique Wolton procura desencantar quem acredita que as novas tecnologias podem resolver os problemas da comunicação. Os avanços de transmissão de informação foram confundidos com a capacidade de absorvê-los. A obra tenta estimular uma reflexão crítica sobre tudo o que é considerado moderno, o que está em voga e que fortalecem uma democracia "direta" e livre de empecilhos intervenientes.

O livro é organizado em sete partes. Na primeira parte, Wolton apresenta as distinções entre comunicar e informar e tenta desconstruir algumas confusões que podem

[1] Trabalho apresentado à disciplina Ética e Legislação do Jornalismo ministrada pelo Prof. Alfredo Vizeu
[2] Graduando em Comunicação Social Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

ser feitas entre ambas. Na segunda etapa, ele propõe uma teoria da comunicação sob uma ótica humanista, uma espécie de arcabouço teórico que busca valorizar a democracia. *Terceiro*: Nesta parte do texto, há uma reflexão sobre a "destecnologização" da comunicação. *Quarto*: A importância da informação como um valor essencial das sociedades democráticas. *Quinto*: A discussão da comunicação com a ênfase no outro, valorizando a relação entre os seres humanos. *Sexto*: o bombardeio de informações cria a necessidade de conhecimento para dar conta dessa avalanche. *Sétimo*: a última parte discorre sobre a informação e a comunicação como indissociáveis da história da emancipação humana.

Nesta obra, através de um viés humanista, Wolton procura refletir sobre o papel da comunicação atualmente. Esta comunicação vive um paradoxo: quanto mais rápido evoluem as tecnologias, mais lento é o avanço da comunicação humana. O cerne desta contradição é que apesar do aumento da produção e da circulação de informações, cada vez mais rápida e uniformizada, o entendimento entre as pessoas não aumenta da mesma forma. O bombardeio de informações complica a comunicação e o entendimento delas torna-se cada vez mais difícil por conta das suas diversas origens.

Wolton afirma que a comunicação é mais complexa que a informação. Se não existe comunicação sem informação, a comunicação é sempre mais difícil. Hoje, há uma contradição da comunicação: o homem nunca passou tanto tempo tentando se comunicar e, mesmo com todo este esforço, ainda não obteve êxito. Para o pesquisador, não é correto valorizar a informação em detrimento da comunicação. Por muito tempo, as duas estiveram juntas para lutar a favor da emancipação humana. Ao longo da história da humanidade, esta emancipação foi alcançada junto com outras conquistas. No século XIX, aconteceu a revolução da informação e a conquista de liberdades individuais e coletivas. No século XX, houve a revolução da informação e das tecnologias. Por fim, no século XXI, vive-se a coexistência de culturas e pontos de vista díspares, percebendo-se, assim, um direcionamento rumo à democracia.

O compêndio está assentado em pesquisas realizadas por Wolton nos últimos trinta anos, procurando "Retomar os valores de emancipação da informação e da comunicação num contexto onde ambas se tornaram onipresentes e terrivelmente polissêmicas" (WOLTON, 2010, p.14). "Informar não é Comunicar" não faz apologia contra o uso das tecnologias, mas busca apontar que a velocidade da veiculação da informação, a falta de regulamentação e a falta de interesse coletivo (questões que seguem um caminho contrário

à atividade jornalística) são pontos a serem discutidos tanto pela academia, quanto por jornalistas e a sociedade civil. A crise mundial vivenciada em 2008 dá margem a reflexões acerca do modelo de relações que se estabelecem entre informação, tecnologia e comunicação, estimulando mais interesse pela temática.

Defendendo o jornalismo de qualidade e fazendo apologia à comunicação, o autor tenta mostrar que a sensação de "todo poderoso" que as tecnologias proporcionam ao usuário, não garantem a comunicação. Estas afirmações são respaldadas em observações nas tensões que se estabelecem atualmente na rede mundial. Wolton não propõe o fim do uso desta ferramenta para fins comunicativos, mas afirma que a internet não substitui contatos fisicamente, pois ele aumenta o desejo das pessoas de verem presencialmente. Ela dá margem à circulação das informações de forma mais rápida, livre e interativa. Para ele, a internet é o dispositivo que permite, concomitantemente, a convivência da informação e da comunicação.

No que tange ao jornalismo, a internet valoriza a escrita, mas, por outro lado, desvaloriza-a também, pois admite que tudo seja escrito e divulgado sem muita qualidade ou revisão. Neste sentido, o autor francês se avizinha ao rigor do método jornalístico, ponto central desta prática. Como Daniel Cornu afirma em seu livro *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*, o jornalismo, a ética, a "verdade jornalística" e a objetividade estão diretamente imbricadas ao rigor jornalístico de produção. O jornalismo que se propõe ter realmente um caráter (jornalístico) precisa seguir ou se aproximar deste método.

A permissividade fascinante que a internet oferece às pessoas é um dos entraves para uma consciência de regulamentação política. Para o autor, isto não durará muito tempo, pois quando os escândalos se tornarem mais fortes, a rede não poderá continuar fora da lei. Além disso, a rede cria o comunitarismo e a intolerância à alteridade. Dentre outras coisas, isto pode isolar as pessoas por conta destes fechamentos em comunidades. "A internet é um meio de lidar contra essa nova realidade de um mundo de pessoas livres, mas sós" (WOLTON, 2010, p.39). O uso da palavra "rede", para ele, pressupõe indivíduos. O problema desta rede globalizada não é a lógica comunitária, mas a difícil convivência de culturas díspares: "A sociedade em rede remete ao individualismo e ao comunitarismo, desviando-se do modelo mais complicado da alteridade e da sociedade" (WOLTON, 2010, p.47). A existência da alteridade não pode ser vista de forma marginal;

pelo contrário: a sua existência precisa ser valorizada como enriquecedora da cultura humana.

A onipresença das tecnologias inibe a capacidade crítica e, para muitos, a comunicação sem tecnologias tornou-se impossível. Para Wolton, a informação tem três dimensões: imprensa, serviço e conhecimento, acrescentando que é necessário atentar para a informação relacional, centro da comunicação humana, que permeia todos os meios sociais e organiza o dia-a-dia das pessoas. A informação relacional é, na verdade, o ponto de partida inicial para a compreensão do outro. A saturação e o acesso instantâneo de informações afetam a capacidade crítica os indivíduos. O perigo dessa avalanche de informação causar problemas como a estandardização, o excesso de simplificação, a ideologia do furo de reportagem, a corrida para vencer a concorrência e a globalização da informação. A enxurrada de informações aumenta a *incomunicação.*

Além disso, a quase instantaneidade e o grande volume não significam nem qualidade nem pluralismo da informação, causando um resultado contrário do prometido pelas tecnologias. A diversidade cultural é o caminho que leva em consideração o receptor. A preservação das identidades e, concomitantemente, a tolerância da alteridade são soluções que o autor sugere. “A questão da comunicação é o outro. Uma diferença quase ontológica com a informação” (WOLTON, 2010, p 59).

Propondo uma teoria da comunicação social moderna, o autor propõe o diálogo como inseparável das relações humanas e sociais: “Comunicar é cada vez menos transmitir, raramente competir, sendo cada vez mais negociar e, finalmente, conviver” (WOLTON, 2010, p 62). Assim como Wolton, outros autores valorizam o papel do diálogo nas relações humanas, como Derrida, Eco e Habermas. Este último comenta que

> É ideal uma situação de fala em que as comunicações não são impedidas por influxos (influência física ou moral) externos contingentes (eventuais) e por coações decorrentes da própria estrutura da comunicação (HABERMAS, 1984, p.27).

Dessa forma, esta estrutura não gerará coações se todos os participantes do discurso possuir oportunidade de fala proporcional aos demais. A existência do jornalismo é garantia da liberdade de informação, considerando o rigor do método fundamental no exercício da profissão. “Quanto mais houver informação acessível, mais haverá alguém hierarquizando, selecionando e articulando” (WOLTON, 2010, p.67).

Referências Bibliográficas

CORNU, Daniel. *Jornalismo e verdade.* Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1984.

HOHLFELDT, Antônio. et al. (org.). *Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências.* 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.131-150.

POLISTSHUK, Iluska. *Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo.* Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à Teoria da Comunicação.* São Paulo: Edicom, 1998.

WOLF, Mario. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.